

O SEDUTOR

TOP
SEL
LER

Ela não quer entregar-se
ao jogo da sedução,
mas ele não vai desistir
de conquistá-la.

N.º 1 do *New York Times*

VI KEELAND

Mais de um milhão de livros vendidos

Um

Valentina

Comprar uma tanga.
Esfreguei os olhos e inclinei-me para reler a nota colada no candeeiro ao lado do sofá onde tinha adormecido. Devia estar a ler mal.

Não. Dizia mesmo *Comprar uma tanga*. Só que não era a minha letra. Sorrindo, arranquei o quadradinho amarelo do abajur de borlas, que se entortou no processo. Estendi automaticamente a mão para o endireitar, depois recuei. Um abajur inclinado ou um quadro torto deixavam o Ryan à beira de um ataque de nervos. Deixá-lo assim deu-me uma renovada sensação de alegria pelo meu divórcio.

Pensando nisso, o meu ex-marido odiara aquele conjunto de candeeiros quando eu os trouxera para casa. Como esposa obediente que era, eu escondera-os no quarto de hóspedes. Um dia depois de o Ryan sair de casa, limpei-lhes o pó e trouxe-os para a sala. Até tinha comprado umas almofadas com franjas a condizer, que ele também odiaria.

Pus-me de pé e a minha dor de cabeça surda começou a latejar. *Argh*. Ressaca de vinho. Fui à cozinha em busca de um muito necessário café e dois comprimidos de paracetamol. De caminho encontrei outra nota colada — esta na porta da rua.

Inscribe-te no Match.com

Arranquei o quadrado amarelo e amarrotei-o, juntamente com a nota sobre a tanga. A noite passada fora a noite dos filmes com a minha melhor amiga, Eve. Uma vez por mês, partilhávamos uma garrafa de vinho (ou duas) e víamos filmes. Fazíamos-lo desde o 12.º ano — mais tempo do que eu queria contabilizar a uma hora tão matutina.

Não era segredo para ninguém que me conhecesse que eu tinha uma ligeira obsessão por notas adesivas. Na maior parte dos dias era possível encontrar listas de afazeres escritas em quadradinhos, presos à porta, na casa de banho, no espelho, no painel do carro... praticamente em todo o lado. Recolher cada um dos papelinhos quando terminava a respetiva tarefa fazia-me sentir que estava a concretizar coisas. Hoje em dia, os quadradinhos estavam em todo o lado — o quádruplo da quantidade habitual — porque os usava para estudar para o exame de certificação de professores de italiano. Havia quadradinhos amarelos com frases traduzidas por toda a casa.

Aparentemente, a minha melhor amiga pusera-se em ação depois de eu ter apagado sobre o sofá na noite passada.

Dá uma queca estava colado no frigorífico. Pelo menos estava a ler a lista por ordem — precisava da tanga e do Match.com para incutir alguma ação ao meu eu celibatário.

Só horas mais tarde encontrei o último post-it da Eve. O que estava colado no espelho da casa de banho dizia: *Brunch com a minha fantástica melhor amiga. Meio-dia. Domingo, Capital Grille na 72nd.*

— Devias sair com o Liam.

Domingo sim, domingo não, eu e a Eve íamos a um restaurante diferente para avaliar a concorrência. Ela tinha um bistrô francês em Upper East Side e gostava de verificar as ementas e os preços dos sítios novos — embora hoje parecesse estar a verificar mais coisas do que o habitual.

— Liam? Estás a falar do nosso empregado de mesa?

— Pois.

— Quantos anos terá, uns 20?

A Eve levou o copo de martíni com líquido cor-de-rosa aos lábios.

— Tenho vibradores mais velhos do que ele. — Bebeu. — Mas está acima da idade de consentimento. E aposto que podia deitar os vibradores fora se o levasse para casa. Aposto que pode ter uma ereção só com uma ordem. — Estalou os dedos, demonstrando como podia funcionar. — *Duro, Liam.*

Eu ri-me.

— Provavelmente, terias de expulsar o *Tom* se levasse aquele jovem para casa.

— Não me tentes. Ontem adormeceu na cadeira às oito da noite. Que raio de amiga deixa a melhor amiga casar-se com um velho?

— Como se algum de nós te pudesse ter impedido, mesmo que achássemos que casar com o Tom era um erro. O que não achávamos. Além disso, quem mais é que te aturava? Ficámos todos contentes por não morreres solteirona.

— Por falar em solteironas...

— Não vás por aí.

— Já saíste com o Mark?

— Eu e o Mark somos só amigos.

— E ele quer saltar-te para cima.

— A tinta dos meus papéis de divórcio ainda nem secou.

— Foi há 18 meses.

A sério? Janeiro, fevereiro, março, abril... oh, caramba. Pois foi. Para onde é que o tempo vai hoje em dia?

— Dezoito meses não é muito tempo.

— Mas estavam separados há *dois* anos antes disso. Há quanto tempo é que não tens bom sexo?

— Como é que passámos de falar de ti para a minha vida sexual? Ou a falta dela? *Outra vez.*

A Eve tinha iniciado uma campanha para eu namorar ainda o Ryan estava a enfiar as suas merdas no camião das mudanças.

As intenções dela eram boas. Mas ultimamente ampliara a sua habitual cotovelada para um empurrão com força.

Ignorou a minha tentativa de mudar de assunto.

— Quanto tempo? Dois anos e meio, Val?

— De facto. — Empurrei a massa no meu prato de um lado para o outro com o garfo. — Se estamos a falar de *bom* sexo, infelizmente, há mais de 10 anos. Mais para o fim, o Ryan não era propriamente apaixonado.

O muito bonito (e muito jovem) empregado voltou à nossa mesa.

— Posso trazer mais alguma coisa para as senhoras? — Olhou diretamente para mim ao falar. Posso não estar no mercado de namoros, mas ia jurar que ele estava a seduzir-me. — Uma sobremesa? Uma coisa doce, talvez?

Ele é mesmo adorável.

— Hum... estou bastante cheia. Mas obrigada.

— É por minha conta. Não consigo tentá-las um bocadinho? Deixem-me surpreender-vos. Nunca se sabe, por vezes basta provar para o apetite voltar.

Olhei para os seus antebraços — musculosos e tatuados. *Bem podes dizê-lo.*

— Hum... claro. Talvez leve uma para casa, para o Ryan.

O sorriso do empregado desapareceu um segundo antes dele.

— Por que raio fizeste isso? — ralhou a Eve.

— O quê?

— Vais mencionar o nome de um homem a um tipo que se estava a fazer a ti?

— Referia-me ao Ryan, o meu filho universitário que deve voltar para casa este fim de semana, não ao estúpido do meu ex-marido.

— Eu sei. Mas o rabo-bom não sabia.

— E então? Não estás seriamente a pensar que me vou enrolar com um miúdo de 20 anos, pois não?

— Porque não? Não tens de te casar com ele. Só precisas de estar disponível, Val.

— Eu estou disponível. Só ainda não conheci ninguém.

A expressão da Eve gritava «treta». E *tinha* razão. Desde que me divorciara ainda não fizera um esforço para conhecer alguém. Sinceramente, a ideia aterrorizava-me. O meu último encontro foi quando o Jimmy Marcum me levou ao baile da escola, andava eu no 8.º ano. Eu e o meu ex-marido, o Ryan, estivemos juntos desde o secundário.

— Fico nervosa com encontros. Na verdade, nunca tive nenhum. — Peguei no guardanapo que tinha no colo, sentindo que vinha aí um espirro. — Atchim!

— Santinha. — A Eve inclinou-se para a frente e tapou-me a mão com a sua. — Eu sei, querida. Mas quanto mais tempo demoraes a voltar à cena, mais difícil se torna. Estás a pensar demasiado.

Pagámos a conta e dirigimo-nos aos carros de braço dado. Quando chegámos ao meu *Volkswagen Routan*, a Eve abanou a cabeça.

— Precisas de outro carro.

— O quê? Porquê? — O meu SUV prateado estava em excelente forma. — Os *Volkswagen* são fixes.

— Sim. O que o irmão mais velho da Lara Meyer levava para a escola era fixe. Uma carrinha *hippie* ou um carocha descapotável, talvez. Esta coisa... é uma carrinha. Parece que andas por aí com um carro cheio de miúdos para o treino de futebol, antes de ires para casa fazer o jantar ao marido.

— Era exatamente para isso que o usava.

— *Usavas*. Tens essa coisa há dez anos. O teu filho começou a conduzir o seu próprio carro há três anos, por amor de Deus. Já não precisas da carrinha para o levar ao treino.

— Tanto faz. É só um carro.

— Queres ir ao cinema amanhã?

— Não posso. Tenho estudo de grupo. O exame é em breve.

— Vejo-te no sábado, então?

Semicerrei os olhos.

— Não vens ao nosso churrasco do Memorial Day?

— Caramba, já estamos no fim de maio? Acho que tenho a agenda cheia até junho.

A Eve beijou-me a bochecha.

— Espertinha.

Encaminhou-se para o seu carro, estacionado a alguns lugares de distância, e gritou por cima do ombro, enquanto destrancava o *BMW*.

— A propósito, escrevi o teu número de telefone nas costas do cheque, para o empregado bonzão. Boa noite, Valentina. Diverte-te.

Pelo sorriso que me mostrou ao passar por mim e acenar, não fazia ideia se estava a falar a sério ou a brincar.

Caramba, esperava que estivesse a brincar.

Na manhã seguinte, quando liguei o telemóvel, tinha duas chamadas perdidas de um número desconhecido e uma mensagem do Mark.

Mark: Chinês ou italiano esta noite?

A nossa sessão de estudo de sábado à noite calhava em casa do Mark, e o anfitrião fornecia o jantar. Ele vivia em Edgewater, como eu. A Desiree e a Allison, as outras duas no nosso quarteto, viviam do outro lado do rio, em Manhattan.

Valentina: Sabes que o meu nome de solteira é Di Giovanni, não sabes? Nunca preferirei *moo shu* a almôndegas. ☺

Mark: Di Giovanni, hum? É muito mais sexy do que Davis. Devias usá-lo. Fica-te melhor. Será italiano, então. Vemo-nos às 17 horas.

Ele é mesmo um tipo simpático. Passar da amizade a algo mais não seria assim tão difícil. Temos muito em comum — somos ambos divorciados, temos filhos da mesma idade, e decidimo-nos por uma mudança de carreira tardia para o ensino. Mas não o vejo sob essa luz. Também é verdade que nunca me *esforcei*, apesar de ter a certeza de que ele me via assim. E a Eve também.

O telefone tocou quando servia o meu café matinal. *Número desconhecido*. Hum... é a terceira chamada desde a noite passada. Ignorei a chamada e escrevi uma mensagem à Eve.

Valentina: Deste mesmo o meu número ao empregado de mesa?

Ela respondeu quando eu estava a terminar a minha primeira dose de cafeína.

Eve: Não. Mas posso, por engano, ter dado o teu número a outra pessoa.

Valentina: Por engano? Como é que podes dar um número de telefone a alguém por engano?

Eve: Promete-me que não ficas zangada.

Telefonei-lhe, em vez de continuar a escrever.

— O que é que tu fizeste?

— Vamos começar com o que é que eu *não fiz*.

— OK...

— Não dei o teu número ao empregado.

— Já me disseste isso.

— Eu sei. Mas podia ter dado, e quero ter a certeza de que sabes que nunca daria o teu número de telefone a ninguém *de propósito*.

Para a Eve parecer estar com medo de me dizer alguma coisa, eu sabia que não era uma insignificância.

— *O que é que tu fizeste?*

— Por engano, pus o teu número de telefone no Match.com.

— Tu O QUÊ?

— Não queria tornar o contacto público. Pensei que era privado, mas as definições estavam erradas. O verde significa avançar. O vermelho é para parar. Quem é que faz um site em que o botão vermelho significa sim?

— Estás a falar de quê? Nem sequer tenho conta no Match.com.

— Hum... agora tens.

O estômago caiu-me aos pés.

— Por favor, diz-me que não fizeste isso.

— Não fiz — Deteve-se e, por um segundo, senti um pouco de alívio. Depois ela continuou. — ... *de propósito*.

— O que é que fizeste?

— Abri-te uma conta no Match.com ontem à noite, quando cheguei a casa. Defini tudo, mas não tencionava que fosse público. Pelo menos, de imediato. Pensei que, se preenchesse tudo e te facilitasse a vida, talvez quisesses experimentar. Ia falar contigo acerca disso no churrasco.

— *Tencionavas* que fosse privado. Quer dizer que não é?

— Essa não é a pior parte.

— O que é que pode ser pior?

— Como *pensava* que ia ser privado, abri a conta com uma apresentação na brincadeira.

Oh, meu Deus.

Corri para o meu portátil e abri-o.

— O que é que diz?

— Relaxa. Já o deitei abaixo. Foi só uma hora. Mas ainda recebeu muita atenção. Percebi o que tinha acontecido quando o e-mail que criei com a conta começou a apitar de dois em dois minutos.

— O que é que dizia? — guinchei.

— Dizia: *37 anos, divorciada, um filho, procura queca sem compromisso para se preparar para voltar a namorar.*

— Por favor, diz-me que estás a brincar!

— Quem me dera estar.

Uma semana mais tarde, o meu telefone parecia ter acalmado.

Uma noite, sentada no sofá com um copo de vinho, até arranjei coragem para ir ver a página que a Eve criara para mim.

Uma coisa que sempre quiseste fazer: Ir a Itália.

Cor favorita: Rosa-choque. Não rosa-algodão-doce nem rosa-gelado-de-morango. Fúcsia. Quanto mais berrante, melhor.

Bebi um gole de vinho e sorri. Era, totalmente, algo que eu poderia dizer. A Eve fizera um bom trabalho a ser eu.

Citação Favorita: *Una cena senza vino e come un giorno senza sole.*

O meu sorriso alargou-se. Ela tinha escrito corretamente. *Uma refeição sem vinho é como um dia sem sol.* Era a citação favorita do meu pai. Depois de ele morrer, eu tinha mandado fazer duas placas em madeira — uma para a minha cozinha, outra para a da minha mãe.

Descrição física: 1,65 m, cintura fina, com curvas a norte e a sul. Pele morena, cabelo comprido, negro e encaracolado que aliso obsessivamente, apesar de os meus caracóis serem do caraças, e olhos azuis que são a única dádiva genética da minha mãe. A minha melhor amiga pediu para vos dizer «Vão olhar duas vezes, juro».

Idade: 29 (mais 8, mas o que é que interessa)

Quem procuro: O Sr. Perfeito, claro.

O meu *match* ideal é: Entre os 28 e os 38. Alto. Inteligente. Divertido. Adora viajar. Sabe dançar (porque eu não sei). Vai pelo caminho panorâmico quando conduz. Tem um palato distinto. Não se chama Ryan. Tem uma alcinha gira. (Alcunhas como *Cunnilingus King* vão para o topo da pilha).

Ela tinha publicado algumas fotografias minhas. Todas com legenda. A primeira era um instantâneo meu em biquíni, a atirar-me da prancha para a piscina da Eve. O meu cabelo estava a esvoaçar, os joelhos encolhidos e estava a tapar o nariz. Apesar de não se ver a minha cara completamente, pelo perfil percebia-se que estava a rir-me.

Eu não a teria escolhido, mas tinha muita personalidade e agradava-me. Por baixo, ela legendara: *Sem medo de voar.*

A segunda fotografia fora tirada na graduação do Ryan no fim do secundário. Eu usava um vestido floral de verão, branco e preto, com um top que fazia as minhas mamas parecerem maiores do que são. Tinha um chapéu branco, de abas grandes. O dia estava ventoso, por isso eu estava a segurar a aba do chapéu, tapando quase toda a cara — exceto os lábios. A única coisa que se via era um batom vermelho-vivo e um sorriso de orelha a orelha. A legenda desta dizia: *Esta sou eu em modo mamã orgulhosa.*

A última era uma fotografia minha com a Eve no secundário. Devia ter sido tirada no 9.º ou no 10.º ano, visto que eu ainda não estava grávida. Tínhamos os braços em volta uma da outra e usávamos roupa a condizer. Por baixo dessa, ela escrevera: *A mesma melhor amiga há mais de 20 anos.*

Depois de editar algumas das loucuras que a Eve tinha colocado no meu perfil, deixei-o privado. Fui ao frigorífico e servi-me de um terceiro copo de vinho. Ao fechar a porta, um íman caiu ao chão. O papelinho que este segurava esvoaçou e aterrou aos meus pés. Peguei nele e li um pouco. A Eve tinha feito a lista durante uma das nossas noites de cinema algumas semanas antes. O título estava escrito em traços grossos, sublinhado: *A Lista «É a Minha Vez» da Val.* As primeiras entradas eram com a sua caligrafia. Começavam de forma bastante inocente...

Tornar-me professora

Visitar Roma

Plantar um jardim gigante só com flores

Ter aulas de dança

Aprender a fazer surf

Ir a um festival de música

Deixar a árvore de Natal montada até março

Adotar um pug

Eram todas coisas que eu queria fazer, mas o Ryan tinha sido contra — voltar para a escola, viajar para a Europa, plantar um jardim sem outra razão além de cheirar as flores, adotar um cão. Tínhamos um jardim no nosso pátio, mas o meu ex-marido enchera-o de legumes. Achava um desperdício plantar flores onde ninguém as podia ver. E a árvore — eu *adorava* ter a minha árvore de Natal montada. Há qualquer coisa em descer as escadas de manhã, quando ainda está escuro, e ver a árvore a iluminar a sala. Mas o Ryan odiava decorações — dizia que eram tralha e insistia sempre em desmontar a árvore no dia 26 de dezembro. Se a escolha fosse minha, mantinha-a todo o ano. Também queria um cão, um *pug*, para ser específica. Mas o Ryan afirmava que o faziam espirrar, embora muitos amigos nossos tivessem cães e ele nunca se queixasse quando íamos a casa deles.

Durante os anos em que estive casada permiti que as minhas vontades ficassem atrás de tudo o resto. E essa fora a razão da lista que a Eve começara a escrever para mim — agora a escolha *era* minha. Era a *minha vez*.

Embora os primeiros nove ou dez itens da lista fossem inofensivos, as coisas tornaram-se muito mais interessantes à medida que a noite avançava — e acabávamos a segunda garrafa de vinho.

Usar lingerie sexy debaixo da roupa, sem razão

Estar com sete homens em sete noites

Ter sexo num sítio público onde possa ser apanhada

Uma queca de uma noite — sem revelar os nomes

Sexo anal

Sexo a três tinha sido riscado depois de eu e a Eve termos debatido os seus méritos por um momento.

Dobrei o papel e guardei-o na mala. Era a última coisa que queria que o meu filho encontrasse quando finalmente viesse a casa neste verão. Levei o copo de vinho cheio e o computador portátil para o sofá e sentei-me a olhar para o ecrã. *Match.com*. Dei um gole e revi as fotos que a Eve tinha publicado. Na verdade, não se conseguia ver a minha cara em nenhuma — ninguém precisava de saber se eu entrasse

e visse como estavam as coisas. E supunha que, para metade das coisas na lista «É a Minha Vez» se cumprirem, eu tinha de começar por um encontro.

Não sabia bem se era por a lista me ter recordado de todas as coisas que eu não tinha feito, ou se era por causa do vinho. Ou talvez... talvez estivesse na altura. Mas fiz algo que nunca pensei fazer... Pus o meu perfil *público*.

Que se lixe. É a minha vez

Dois

Ford

A minha assistente tinha um rabo mesmo giro.
— Como raio é que consegues trabalhar? — A cabeça do Logan virou-se para seguir a Esmée enquanto ela saía do escritório. As ancas dela balançavam de um lado para o outro, e a cabeça do meu amigo estava em sincronia perfeita.

Não podia censurá-lo. O maldito rabo era uma obra de arte. Cheio e curvilíneo, presentemente embrulhado em tecido vermelho que se moldava ao corpo — um perfeito coração ao contrário. Quando a cabeça do Logan se inclinou tanto para a direita que quase tocava no ombro, percebi que ele estava a virar aquele coração ao contrário mentalmente.

Ela chegou à porta e olhou por cima do ombro, com um sorriso sedutor.

— Precisa de mais alguma coisa, Sr. Donovan? *Sr. Beck?*

— Não precisamos de nada. Obrigada, Esmée.

Claro que o Logan, sendo Logan, não podia manter a boca fechada.

— Terei de vir trabalhar para cá, para a ouvir dizer *Sr. Beck* com esse sotaque todas as manhãs?

A Esmée fora uma transferência recente de Paris para Nova Iorque. O seu carregado sotaque francês ampliava a sua sensualidade de um 10 fácil para um transbordante 11+. Eu sabia que não devia ter pedido que nos trouxesse café com o Logan por perto.

— Ignore o meu amigo. Ele não está habituado a ver pessoas. Importa-se de fechar a porta quando sair?

Quando a porta se fechou, amarrotei um papel da minha secretária e atirei-lho.

— Para de comer o meu pessoal com os olhos, estúpido. Ainda arranjas maneira de eu ser processado por assédio no trabalho.

— Não me digas que ainda não tentaste.

— Não molho a minha pena no tinteiro da empresa.

— Desde quando? Da última vez que passei pelo teu escritório andavas a comer aquela ruiva da contabilidade com os sapatos sexy como o raio. E, se não estou enganado, a prima dela... ao mesmo tempo, seu sortudo de um raio.

— Isso foi há muito tempo. De lá para cá, amadureci.

O Logan atirou a cabeça para trás e sorriu.

— Tinha-me esquecido. Tens razão. A rececionista, a *Sra. Madura*. Como é que ela se chamava, mesmo? Misty? Marsha? Magdalene?

— Maggie. E nem me lembres disso. Custou-me uma pequena fortuna.

— Eu teria pago uma pequena fortuna por aquilo que aquela mulher te deu.

— Tirando que não tens uma pequena fortuna, bandalho.

Há alguns anos, eu estava a passar por um mau bocado e não pensava com a cabeça certa. A minha rececionista gravou um vídeo a fazer-me um broche debaixo da secretária. Eu não fazia ideia de que era uma armadilha. Ela posicionou as câmaras em dois ângulos diferentes e disse-me para agir como um chefe zangado, atribuindo uma tarefa à secretária. Eu nunca tinha estado numa de *role play*, e foi excitante à brava.

Até ela me mostrar uma cópia do vídeo e ameaçar processar-me por assédio sexual no local de trabalho. O meu advogado obrigou-me a aceitar um acordo antes de chegarmos a tribunal. Foi uma aula de amadurecimento que não me ensinaram na universidade de gestão.

— Então, qual é o nosso plano para a próxima semana? — perguntou o Logan.

— Em minha casa às seis. O comboio C fica um quarteirão a norte, na 81st Street.

Todos os anos os meus colegas da universidade se juntavam para um fim de semana de ronda pelos bares. Começávamos cedo e íamos a pé a um bar diferente a partir de cada estação de uma linha de comboio. Uma hora por bar. Dez estações de comboio, dez bares diferentes. Na maior parte dos anos, os rapazes começavam a desistir à quinta estação. Mas eu e o Logan chegávamos sempre ao fim. Eu aguentava-me bebendo água entre as outras bebidas. O Logan... bem, não adotava propriamente a abordagem conservadora. Mas o cabrão aguentava mais bebida do que qualquer pessoa que eu conhecia.

— Que tal começarmos o aquecimento? Vamos ao O'Malley's?
Olhei para o telefone.

— São 10h30.

O Logan encolheu os ombros.

— Qual é o problema?

— Tenho mesmo de trabalhar. Aliás, tens de desaparecer daqui. Tenho uma reunião daqui a 10 minutos.

— Nem acredito que chames trabalho a estares aqui sentado e teres aquela gata persa a trazer-te café.

— Uma pessoa de Paris é parisiense, não é persa, parvo. E nem tudo é tão simples como parece.

Ele encolheu os ombros e pôs-se de pé.

— Adiante. Copos, esta noite?

— Não posso. Vou buscar a Bella.

— *Annabella*. Como está a tua pequena irmã?

— Menos pequena. Passou um semestre em Madrid. Volta para casa esta noite. Prometi ir buscá-la ao aeroporto.

— Já está na universidade?

— Vai começar o segundo ano. Tem 19 anos.

— Caraças. Sempre foi tão engraçada. Aposto que é uma brasa, agora que atingiu a maioria.

— Nem penses nisso, cabrão.

O Logan riu-se e estendeu-me a mão.

— Até à próxima semana, bonitinho?

O intercomunicador vibrou e ouviu-se a voz da Esmée.

— Ford, tem a Sra. Peabody em linha.

O Logan franziu a testa.

— Peabody? Ainda falas com essa maluca?

— Ela não é maluca... é só excêntrica.

— Excêntrica é só uma maneira educada de dizer maluca. — O Logan abanou a cabeça. — Às vezes preocupo-me contigo. És capaz de ser tão maluco como ela.

— Sai daqui, cretino. E não aproveites para assediar a minha rececionista.

Não fazia sentido sair do escritório e seguir para casa, a norte, quando teria de voltar para sul para estar no aeroporto às 22 horas. De qualquer maneira, tinha coisas para fazer aqui que podiam manter-me ocupado durante dias. Às 19 horas, o piso estava quase vazio — só eu e o pessoal da limpeza do turno da noite. Encomendei comida tailandesa e decidi sentar-me na área de convívio diante das janelas, em vez de ficar atrás da secretária de costas para a cidade.

Afundi-me no sofá de couro, descalcei os sapatos e pousei os pés na mesa de vidro à minha frente. Ainda tinha várias horas para gastar, por isso comecei a ver os e-mails enquanto comia com pausinhos de uma caixa de cartão. A minha caixa de entrada estava um maldito desastre. Fosse quando fosse, havia sempre 300 mensagens não lidas e itens de acompanhamento para tratar. Organizei-as pelas mais antigas e abri uma que andava a evitar quase há uma semana. O diretor de marketing queria que eu considerasse

o investimento de meio milhão de dólares numa campanha publicitária no Match.com.

Normalmente eu não questionava as suas opiniões — ele trabalhara com o meu pai durante 25 anos. Mas não estava seguro de que um website de encontros fosse o lugar indicado para anunciar espaços de trabalho partilhados topo de gama em Manhattan. E era muita massa. Parte do problema residia no facto de eu não ter experiência sobre o funcionamento dos encontros online nem sobre os hábitos de compra dos seus utilizadores.

Depois de ler a proposta em *PowerPoint* cliquei no link que vinha no final, decidindo fazer um *test drive* ao site. Demorei cerca de 10 minutos a abrir uma conta. Quando me convenci a iniciar uma busca, senti que estava no supermercado à procura de ingredientes para fazer a minha refeição favorita — interesses, origens, altura, tipo de corpo. Comecei a alinhar e acrescentei tretas como os meus slogans favoritos e o meu *lugar feliz*, para que o site me arranjasse mulheres com ideais semelhantes.

A minha busca devolveu-me mais de mil perfis. Cliquei em alguns e poucos minutos depois uma cara começou a misturar-se com a outra. Todas as mulheres que eu via no bar mais popular do mês tinham também um perfil naquele maldito site.

Fiz mais alguns cliques e reparei que começavam a aparecer alguns anúncios. Minutos depois, sabia o suficiente de mim para me apresentarem exatamente o tipo de produto que eu compraria. Tinha escrito que um dos meus hobbies era a caminhada e escolherei a opção de rendimento superior a 250 mil por ano. Surgiu um anúncio à esquerda do ecrã, mostrando uma marca da Patagónia, topo de gama, de uma mochila para todos os géneros de condição atmosférica por 400 dólares. Este site conhecia os seus utilizadores — provavelmente reunia mais pormenores íntimos do que qualquer outro.

Quando acabei de comprar o saco *Mountain Elite* azul, voltei ao e-mail e disse ao diretor de marketing para avançar. *Vendido*.

Sem vontade de continuar a limpar o e-mail e horas antes de ter de sair para ir buscar a Bella, afunilei ainda mais os critérios de busca no Match.com e atualizei o perfil. As categorias de idade deixaram-me cerca de 10 minutos a olhar para o ecrã.

18 – 24?

25 – 31?

32 – 38?

Com a idade madura de 25 anos, estava farto da multidão entre os 18 e os 24. Já lá tinha estado, estava feito. Não tinha paciência para jogos. Queria uma mulher que soubesse quem era, em vez de uma que tentasse ser o que achava que eu queria.

Depois de escolher a opção 25 – 31, o cursor hesitou sobre a opção seguinte. Porque é que eu estava a excluir uma assombrosa mulher de 32 anos? É mais experiência. E provavelmente menos tretas.

Clique.

Depois de todas as modificações, tinha agora apenas uma dúzia de mulheres que aparentemente eram o meu par ideal. Da primeira até à quinta pareceram-me interessantes, definitivamente mercedoras de um segundo olhar. Depois cliquei na número seis, uma mulher de New Jersey. A forma como o seu perfil estava escrito fez-me rir às gargalhadas.

Intrigado, cliquei nas fotografias. Não havia muitas, mas uma em particular chamou-me a atenção. Era uma foto tirada de lado, enquanto ela dava uma cambalhota para uma piscina. O cabelo escuro esvoaçava muito acima dela, e a porção visível do seu rosto estava enrugada num sorriso. E embora eu não conseguisse ver bem o corpo, visto estar todo dobrado, podia ver que tinha curvas para encherem o biquíni. Melhor ainda, parecia o género de mulher que se preocupava mais em divertir-se do que com o cabelo e a maquilhagem arruinados na piscina. E, ultimamente, era este género de mulher que eu parecia atrair nas noitadas.

Quando o meu telefone tocou, avisando-me de que estava na hora de sair para ir buscar a Bella, passara mais de duas horas num site de encontros que nunca pensara visitar. Comecei a fechar o computador, mas a última janela tinha a foto da mulher a dar cambalhotas no ar. Fez-me sorrir novamente antes de a fechar.

O meu dedo pairou sobre o botão para desligar o *Mac*, mas pensei melhor e voltei ao site de encontros. Procurei nos meus *matches* um em particular. Encontrei a Val44 e dei mais uma olhadela.

Porra, porque não?

Muitas pessoas usavam sites como este.

Cliquei no botão por baixo do perfil dela, para lhe mostrar que estava interessado.

— Este sítio é tão chato.

Arrastei as últimas malas da minha irmã para dentro do apartamento e tirei uma garrafa de água do frigorífico. Estava uma humidade do caraças para finais de maio.

— Manhattan? É chato? Essa nunca tinha ouvido.

A Bella revirou os olhos.

— Não é Manhattan. É o teu apartamento. Como é que me vou divertir, ficando com o meu irmão?

— Onde é que havias de ficar? Além disso, estás aqui para passar o verão, não para sempre. — *Graças a Deus pelas pequenas coisas.*

A Bella tinha 14 anos quando perdemos os nossos pais, havia cinco anos. *Nunca* me passou pela cabeça não a acolher e não ser o seu tutor, apesar de eu só ter 20 anos na altura. Mas admito que foi um alívio quando ela decidiu ir para uma universidade bem longe. Criar uma miúda de 14 anos era muito mais fácil do que uma de 19.

— A casa de verão. Vou para Montauk passar o verão.

— Não posso viajar para lá e para cá todos os dias.

— E daí? Ninguém te disse para ires. Queria dizer que *eu* passava lá o verão, e tu passavas o verão aqui.

— Nem penses.

— Porquê?

— Porque ficarias sozinha, e aquilo não é seguro.

— *É Montauk*. As pessoas nem trancam as portas. Passámos lá todos os verões da nossa infância. Montauk é mais seguro do que Manhattan.

— Como é que sei que não vais dar festas loucas?

— E se der?

— Tens 19 anos, não tens 21.

Ela arqueou uma sobrancelha.

— E tu nunca tomaste uma bebida nem deste uma festa antes dos 21?

— É diferente.

— Porquê?

— Porque é.

— Caraças, Ford. Quando é que te transformaste no *pai*?

Mesmo que eu tivesse segurança instalada na casa de praia, não estava certo de que fosse um bom lugar para a Bella. Nenhum de nós tinha ido lá desde a morte dos nossos pais, e se havia algum sítio no mundo que estava cheio de memórias deles, era Montauk — a mãe a regar-nos os pés com a mangueira no duche exterior, a tomar o pequeno-almoço com o pai no pátio das traseiras. O pai recostado em silêncio na ombreira da porta, vendo a mãe dançar ao som de música na cozinha. A forma como ele sorria quando olhava para ela — o mero pensamento mexia numa ferida que mal começara a sarar.

Quando o nosso contabilista sugerira que alugássemos a casa, nem considerei a ideia. Preferia assumir os prejuízos de manter a propriedade a deixar estranhos ocuparem-na.

A Bella nunca seria capaz de lidar com o reviver de todas aquelas memórias. Sinceramente, não sabia se eu próprio seria. Se calhar, o melhor era pôr a casa à venda.

— Vá lá, Ford. Sabes que a verdade é que eu não preciso da tua permissão para ir. Posso ir quando estiveres no trabalho.

Claro que ela tinha razão. A Bella tinha mais de 18 anos e podia ir aonde quisesse. A única coisa que eu tinha para a controlar eram os cordões da bolsa. Era o fiel depositário dela até que atingisse os 21.

— Não podíamos só passar lá um fim de semana, ou algo assim? — sugeri.

— Queres dizer, nós os dois? Chiça, que romântico. Parece brutal. Suspirei. Ia ser um verão longo à brava.

Três

Valentina

Ao princípio, percorrer as respostas que recebera tinha sido divertido. Filtrava os perfis acompanhada por um copo de vinho e lia o dilúvio de mensagens. Porém, após alguns dias tornou-se óbvio que, apesar de alguns tipos parecerem simpáticos, eu não ia responder a nenhum.

Não fazia ideia do que lhes dizer. *Estou totalmente impreparada.*

Quando estava prestes a desligar e ir para a cama, uma mensagem instantânea apareceu no fundo do ecrã. Nem sabia que se podiam enviar mensagens dessas. Donovan620 de Nova Iorque escrevera: *Ryan é o meu nome do meio. Estou desqualificado?*

Não mudara a parte do meu perfil que dizia que o meu par ideal não se chamaria Ryan, pois estivera demasiado concentrada a retirar aquela sobre o favoritismo pelos que tivessem como alcunha *Cunnilingus King*. Embora talvez fosse preferível assim, porque a ideia de chamar *Ryan* a outro homem depois de tantos anos com o meu marido era demasiado estranha para mim. Além disso, também era o nome do meu filho.

Não respondi e passados alguns minutos, surgiu outra mensagem.

Donovan620: A sério? Fui vetado por causa de um nome do meio? Provavelmente posso alterá-lo legalmente, se funcionar. Mas aviso já que o meu avô vai ficar chateado.

A mensagem fez-me rir, por isso respondi.

Val44: Na verdade, acho que como nome do meio Ryan pode passar, desde que o abrevies na assinatura e nunca o uses quando te apresentas.

Donovan620: Se alguém que conheceres aqui se apresentar com o seu primeiro, segundo e último nome, deves apagá-lo imediatamente. É esquisito.

Val44: És capaz de ter razão.

Donovan620: Acontece-me muito. Então... porque é que és anti-Ryan, Valentina D?

Ele usou o meu nome completo, o que significava que devia ter visitado o meu perfil. Curiosa, abri o dele. Só tinha uma fotografia, mas sem dúvida que me chamou a atenção. Estava a meio do ar, saltando numa prancha alta para uma piscina, e a fotografia fora tirada do chão. Tinha os joelhos dobrados e os braços enrolados em volta deles. Era quase a mesma fotografia de perfil que eu tinha, tirando que ele era, claro, um homem. Olhei mais atentamente... Donovan620 era definitivamente um homem, com uns braços assombrosamente musculados, enrolados em volta dos joelhos. Até os músculos das barrigas das pernas eram protuberantes.

Entrou outra mensagem. Não lhe respondera à pergunta sobre o nome Ryan.

Donovan620: Estás ocupada a ver o meu perfil ou estás a ignorar-me?

Val44: A ignorar-te.

Donovan620: Bem, não és muito boa a fazer isso, visto que respondeste.

Ele fez-me rir outra vez. Por isso confessei.

Val44: Posso ter estado a ver o teu perfil. Notaste alguma coisa interessante nas nossas fotos de perfil?

Donovan620: Foi o que me chamou a atenção. Qualquer mulher que salte para a piscina merece que eu mude o meu nome do meio.

O Donovan era espirituoso. Gostei dele. E talvez, só talvez, os músculos dele também fossem agradáveis. Voltei a encher o copo de vinho.

Donovan620: Não é a única coincidência. Vai lá, vê o perfil completo.

Voltei ao perfil dele e continuei a ler.

Idade: 25

O meu match ideal: Com idade suficiente para saber o que faz, suficientemente jovem para não se ralar. Esperta. Gosta do ar livre e das coisas simples da vida — como ir pela estrada panorâmica ao conduzir.

Val44: Acabaste de acrescentar isso ao teu match ideal?

Donovan620: Não.

Val44: Bem, parece que temos algumas coisas em comum. É uma pena eu não corresponder ao resto dos teus critérios.

Donovan620: Que parte?

Val44: Apesar de ter, sem dúvida, idade suficiente para saber o que quero, parece que me ralo.

Donovan620: Vou desculpar a tua sensatez, dada a forma como lidaste com o meu infeliz nome do meio.

Val44: Isso é muito simpático da tua parte. Mas temos outro problema — e este receio que não o possamos ultrapassar.

Donovan620: E que é...

Val44: És demasiado novo para mim. Tens 25. Eu tenho 37.

Donovan620: O teu perfil diz que o teu *match* ideal tem entre os 25 e os 38.

Val44: Foi a minha amiga que escreveu isso. Atualizei recentemente para mais de 35.

Donovan620: É uma boa amiga?

Val44: Sim. Porquê?

Donovan620: Então deves ouvi-la. Ela conhece-te e deve saber do que fala.

Val44: Sim, mas...

A mensagem seguinte dele chegou antes de eu acabar.

Donovan620: A idade é só um número. O que é importante é que és obviamente jovem de espírito, visto que ainda dás saltos para a piscina e escolhes o caminho panorâmico em vez da autoestrada mais rápida. Não digas já que não. Fala comigo um bocadinho. Vê se nos damos. Depois decides.

Val44: Não sei, Donovan. Tive um filho muito jovem. Não é muito mais novo do que tu.

Donovan620: Uma semana. Vá lá. É a minha primeira experiência no Match, e não vais querer estragar-ma. Se isto correr mal, posso ficar traumatizado para a vida.

Pensei um pouco. Não tencionava conhecê-lo em pessoa durante esse tempo.

Val44: É mesmo a tua primeira experiência aqui?

Donovan620: Juro. Podes ver a data de adesão no meu perfil.

Concluí que ele não tinha razão para mentir acerca de algo tão insignificante, por isso acreditei na sua palavra. Talvez mergulhar de cabeça e conversar com alguém ali pela primeira vez, quando era também a primeira vez da outra pessoa, não fosse assim tão mau. Quero dizer, nenhum de nós tinha qualquer noção preconcebida de como aquilo devia correr, o que provavelmente me aliviaria o stress de não ter a menor ideia do que estava a fazer.

Val44: E ficamos só a falar online durante a próxima semana? Sem nos conhecermos pessoalmente?

Donovan620: Se é isso que queres, sim.

Eu sabia que tinha de acabar por voltar a pôr o pé na água. Porque não dar um pequeno passo e conversar online? *Praticar*. Visto que isto não ia levar a nada até ao fim da semana, que mal podia fazer?

Val44: OK. Uma semana.

— Não me tinhas dito que o teu churrasco do Memorial Day iria transformar-se num evento social. — Entreguei à Eve um prato de vidro com o meu tiramisu caseiro. Era o favorito dela.

— São só mais algumas pessoas.

O pátio era visível da cozinha através de duas portas envidraçadas. Devia haver umas 50 pessoas lá fora, e cá dentro também andavam algumas de um lado para o outro. O churrasco do Memorial Day dos Monroe ficava normalmente pelas 20 pessoas.

— Alguns? Quem é esta gente toda? Se soubesse, tinha feito duas sobremesas.

A Eve fez um gesto de desdém com a mão, depois mergulhou-a na gaveta dos talheres. Tirou uma grande colher de servir e, antes de eu poder impedi-la, serviu-se de uma colherada da deliciosa sobremesa que eu acabara de lhe entregar.

— Isso levou horas a fazer!

— Também não tencionava partilhá-la. Ainda não reparaste que todos os anos a escondo no fundo do frigorífico e esqueço-me de a tirar?

O telefone vibrou no meu bolso. Ultimamente acontecia muito.

Eu e o Donovan passáramos horas a trocar mensagens nos últimos quatro dias. Até progredíramos da conversa na aplicação de encontros para as mensagens escritas — provavelmente, não fora a atitude mais inteligente, mas pelo menos recebia uma notificação quando ele mandava mensagens e não precisava de abrir a aplicação de cinco em cinco minutos para ver se perdera alguma coisa.

Donovan: Deixaste algum daquele tiramisu em casa?

Valentina: Não posso deixar nada em casa, senão como-o. Aquela coisa é a minha perdição. Mais valia colar umas almofadas no rabo, com as calorias que aquilo tem.

Donovan: Almofadas deliciosas...

Senti um pequeno formigueiro ao ler a última frase. Ele fora polido nos nossos diálogos, a maior parte do tempo. Mas por vezes atirava uma linha sexy, como esta, e sem dúvida que me agradava.

— Estás a mandar mensagens para quem? — perguntou a Eve.

— Para ninguém.

Ela semicerrou os olhos.

— Ah é, para ninguém?

O Tom Monroe salvou-me do resto do interrogatório. Entrando vindo do pátio, enlaçou um braço na cintura da mulher, por trás, e puxou-a para si, tirando-lhe a colher das mãos. Meteu uma colher do meu lindo tiramisu na boca e falou com a boca cheia.

— Esta coisa é melhor do que sexo.

A Eve arqueou uma sobrancelha para mim.

— Eu disse-te. Está velho.

O marido, acostumado às suas brincadeiras, ignorou-a.

— Já conheceste o Jonathon?

A Eve deu-lhe uma cotovelada.

— Ela acabou de chegar. Ainda nem lhe falei do Jonathon.

O Tom riu desdenhosamente.

— Ou o Will. Ou o Jack. Ou o Mike, o Adam ou o Timmy. Mas acho que a minha mulher está enganada e o Timmy é gay.

Fixei o olhar na minha amiga.

— De que é que ele está a falar?

A Eve voltou a tirar a colher das mãos do marido e encheu a boca com mais doce. Apontando para as bochechas, fez uns sons de garga-rejo, para transmitir que não podia falar.

Olhei por cima do ombro dela.

— Tom, o que é que a tua mulher fez?

— Obrigou-me a convidar todos os homens solteiros do meu escritório. Aposto que não sabias de nada.

— Apostas bem. — Virei-me para a Eve. — *Por favor*, diz-me que não lhes disseste que eu estava solteira e andava à procura de alguém.

— Claro que não.

— Graças a Deus.

— Disse-lhes que estavas solteira e querias dar uma queca.

Os meus olhos ficaram do tamanho de pires.

A Eve pousou uma mão no meu braço.

— Estou a brincar.

— É melhor que estejas.

Ela retorceu-se para se soltar do marido e pôr-me um braço em volta do pescoço.

— Vamos lá, deixa-me apresentar-te algumas pessoas.

O Jonathon revelou-se um tipo muito simpático, embora não fosse o meu género. Era bastante bonito. O problema era mais a sua abundante espiritualidade. Gosto de um homem com crenças fortes, não me interpretem mal. Mas quando alguém passa 15 dos primeiros 20 minutos em que nos vimos pela primeira vez a pregar-me sobre a sua igreja e religião, acho que pode ser um pouco reverente para mim e a minha frequente língua de trapos.

O Will vivia com a mãe e nunca sequer tinha sido casado... um sinal de alerta, mesmo para quem não procurava namorado, como eu.

O Mike falou-me da ex-mulher durante meia hora. Era óbvio que ainda não a esquecera.

O Timmy, bem... o Tom acertara nessa. Estava mais interessado no Mike do que eu.

Restava-me o Adam. Bem barbeado, 1,80 m, ombros largos sob um polo azul-marinho com um cavalinho e sapatos *Ferragamo*. Fiquei interessada.

— Então trabalhas com o Tom na Dunn & Monroe?

— Já há quase um ano.

— O que é que fazes?

— Sou vice-presidente do departamento financeiro.

Eu e o Adam passámos a meia hora seguinte a conhecer-nos um ao outro. Ele era divertido e inteligente, e era lindo e educado. Sem dúvida que cumpria todos os requisitos de um homem com quem eu devia sair. Contudo... não sentia borboletas no estômago. Talvez as minhas

expetativas estivessem mal calibradas. Talvez eu tivesse visto demasiados filmes melosos. Sentira essa excitação ao conhecer o Ryan, mas nessa altura era adolescente. Talvez as coisas fossem mais pacíficas e agradáveis quando se saía com um homem no final dos 30. Fazia sentido.

Porém, quando ele pediu desculpa e se afastou para atender uma chamada, percebi que estava errada.

O meu telefone vibrou no bolso e tirei-o. O nome do Donovan apareceu no ecrã... causando-me um alvoroço no peito e um enxame de abelhas na barriga. *Bolas.*

Donovan: Que tal está a festa à qual não me convidaste para ir contigo?

Valentina: Tudo bem. Mas mais calma do que na maior parte dos anos. Está com um ambiente muito diferente. Nem há ninguém na piscina.

Donovan: Ninguém na piscina? Estás a ver, devias ter-me convidado. Eu estaria na piscina e tu também.

Olhei em volta. O churrasco habitual dos Monroe este ano parecia mais um cocktail. As pessoas pareciam um pouco mais bem vestidas, e a atmosfera era mais formal. Era agradável, mas não a festa descontraída, vale-tudo, que a Eve normalmente dava.

Valentina: As pessoas são diferentes das do costume. Há mais colegas de trabalho do marido da Eve.

Donovan: O que é que ele faz?

Valentina: É gestor de fundos numa mutualista.

Donovan: Parece chato. Devias mesmo ter-me levado.

Valentina: A sério? O que é que tu fazes que é tão excitante?

Donovan: Eu disse-te, trabalho por conta própria.

Valentina: Sim, mas não desenvolveste.

Donovan: Não perguntaste.

Ele tinha razão. Eu passara os últimos dias a hesitar em remexer muito profundamente em quem era o Donovan. Quanto mais falávamos,

mais gostava dele. E não fazias tenções de me envolver com um miúdo da idade dele. Encontrar coisas em comum tornaria ainda mais difícil cortar este laço no final da semana. Antes de poder responder, o telefone vibrou de novo.

Donovan: Nem um bocadinho curiosa?

Valentina: Claro que sim. Só não queria ser muito intrusiva.

Donovan: Intrusiva = Com medo de me conheceres melhor, não vás gostar.

Valentina: Não é nada disso.

É exatamente isso!

Donovan: Muito bem, então. Dou-me bem com intrusões. Pergunta à vontade.

Suspirei. Olhando em volta do pátio, percebi que tinha conhecido um monte de gente simpática hoje. Mas estava mais interessada em falar com o Donovan. Sentei-me e respondi-lhe.

Valentina: Meu querido Donovan, posso perguntar-te o que fazes na vida?

Donovan: Claro que sim. Ainda bem que perguntaste. Estou no ramo imobiliário.

Não era nada o que eu esperava que ele dissesse. Tinha uma imagem do Donovan montado numa bicicleta com uma sacola de mensageiro ao ombro, ou a trabalhar como bombeiro estagiário. Definitivamente, não a usar um fato, negociante de propriedades em Manhattan.

Valentina: Uau. Não era isso que esperava que dissesses.

Donovan: O que é que pensaste que eu fazia?

Não queria insultá-lo dizendo que pensara que podia ser um estafeta, por isso fiquei-me pelo bombeiro, que era mais inofensivo.

Valentina: Não sei. Talvez bombeiro, era a minha suposição.

Ou fantasia. Sei lá.

Donovan: As mulheres costumam achar os bombeiros giros, não é?

Valentina: Não te precipites.

Donovan: Está bem. O que é que, exatamente, te fez pensar que eu era um bombeiro?

Merda. Estava-me a dar uma branca.

Nesse momento, o Adam voltou.

— Desculpa lá. Era a minha filha. Tem 16 anos e isto era uma crise. A mãe tirou-lhe o ferro de alisar por o ter deixado ligado e ela achou que era boa ideia telefonar-me e pedir-me para dizer à mãe que lho devolvesse.

Sorri.

— Calculo que não estivesse muito satisfeita quando desligou.

— Bem podes dizê-lo. Eu e a minha ex não concordamos em muitas coisas, mas temo-nos saído bem a apoiar as decisões parentais um do outro.

— Há quanto tempo estão divorciados?

— Nove anos. E tu?

— Como sabes que sou divorciada?

— A Eve deve ter falado nisso.

Forcei um sorriso.

— Desculpa lá. Ela é bem-intencionada. Mas insiste em que eu tenho de voltar ao mundo dos encontros, apesar de só terem passado 18 meses.

— Estaria a abusar se perguntasse há quanto tempo é que as coisas não estavam bem antes do divórcio? Para mim, foram pelo menos cinco anos. Então, quando finalmente rompemos, há muito tempo que nenhum de nós estava feliz, e estávamos ambos prontos para avançar.

— Suponho que tens razão. Estivemos separados dois anos antes do divórcio e as coisas já não estavam bem há algum tempo. — O meu telefone vibrou na minha mão, e baixei o olhar.

Eu não podia deixar-me seduzir por um homem mais novo...

Quando conheci o Ford Donovan, não sabia nada sobre ele. Bem, a não ser que era lindo, inteligente, bem-sucedido e... jovem. Talvez *demasiado* jovem para mim.

Tudo começou quando a minha melhor amiga decidiu que eu precisava de voltar a sair. Sem eu saber, criou-me um perfil num site de encontros românticos – fazendo algumas alterações nas minhas preferências... Era apenas uma brincadeira, mas a verdade é que foi assim que eu e o Ford nos conhecemos e começámos a trocar mensagens.

Ao fim de um casamento de quase 20 anos, a minha curiosidade para saber mais sobre o Ford era muita. Ele era inteligente e bem-disposto, mas eu não conseguia ultrapassar a nossa diferença de idades. As conversas sedutoras prolongaram-se durante semanas, e eu acabei por concordar com um único encontro. Depois de tantas mensagens trocadas, queria ao menos conhecê-lo!

Quando nos encontrámos, aquele sorriso sensual foi o suficiente para me deixar completamente derretida. Mas o seu rosto parecia-me familiar, e não tardei a perceber porquê. Ele era o filho dos nossos vizinhos da casa de férias! Só que já não era nenhum miúdo, era um homem feito!

Mas seria possível resistir a tanto encanto?

Não perca os outros romances da mesma autora!



TOPSELLER os livros em primeiro lugar 20 20 editora	ISBN 978-989-668-896-7 9 789896 688967 Romance Erótico
--	--